IDENTIDADE DOS GRUPOS PRÉ-HISTÓRICOS DE SOBRADINHO - BA[1]

Celito Kestering[2]

RESUMO

O artigo é uma síntese da tese referente atributos de identidade dos grupos pré-históricos da região de Sobradinho – BA, Submédio São Francisco. O reconhecimento de atributos de identidades pré-históricas é feito pela identificação de padrões de reconhecimento, temática, cenografia e técnica, nas pinturas rupestres. A constatação de um padrão de reconhecimento e cenografia, semelhante aos conjuntos gráficos do Estado de Goiás e de toda extensão do Vale do Rio São Francisco, sugere que a maior parte dos grafismos foi realizada por grupos pré-históricos que ocuparam o Submédio São Francisco, desde o final do Pleistoceno até períodos recentes do Holoceno. O conjunto de grafismos da temática dominante apresenta diferentes padrões técnico-temáticos a partir dos quais se identificam os estilos Olho D'água, com mais de 9.000 anos AP, São Gonçalo, entre 9.000 e 6.790 anos AP e Brejo de Dentro, com menos de 6.790 anos AP.

Palavras chave: Identidades pré-históricas. Pintura rupestre. Tradição. Subtradição. Estilo.

ABSTRACT

The article is a synthesis of the thesis about attributes of identity of pre-historical Groups of *Sobradinho – BA*, region located in Sub-middle San Francisco River. It recognizes attributes of pre-historical identities by the identification of scenographic, thematic and technical patterns in rock pictures. The identification of a recognizing and scenographic pattern, similar to the rock pictures groups in the State of Goiás and all extension of San Francisco River Valley, suggests that most part of the pictures painted on rocks was made by pre-historical groups who occupied the Sub-middle São Francisco River Valley from the end of late Pleistocene until recent periods of the Holocene. The group of rock pictures of dominant themes present different technicalthematic patterns that are the base to identify the Olho D'água style, with more than 9.000 years BP, São Gonçalo, between 9.000 and 6.790 years BP and Brejo de Dentro, less than 6.790 years BP.

Keywords: Pre-historical identity. Rock picture. Tradition. Sub-tradition. Style.

---

[1] KESTERING, Celito. **Identidade dos grupos pré-históricos de Sobradinho - BA**. CLIO. Série Arqueológica, Recife: UFPE, v. 2, p. 8, 2008.

[2] Professor do curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial da Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF e pesquisador da Fundação Museu do Homem Americano – FUMDHAM.

1 INTRODUÇÃO

No final do século XIX, quando foram descobertos, na região franco-cantábrica, os primeiros sítios arqueológicos com pinturas rupestres, pensava-se que elas tinham sido feitas em períodos relativamente recentes. Por influência religiosa, tinha-se dificuldade em admitir que sua autoria pudesse ter sido de grupos humanos cuja origem não correspondesse com os dogmas mitológicos do Gênesis. Havia, por isso, grande resistência em atribuir sua autoria a grupos humanos pré-históricos.

Com base nos paradigmas religiosos e nos padrões artísticos de pinturas realizadas no período histórico, interpretavam-se painéis de pintura rupestre com parâmetros da estética contemporânea. As formas utilizadas na sua realização correspondiam aos padrões de estética das pinturas realizadas ao longo da história.

A resistência original foi vencida pela multiplicidade de descobertas de sítios com pinturas rupestres na Europa e em outros continentes. No estágio atual das pesquisas arqueológicas, reconhece-se que os procedimentos interpretativos originais são pouco viáveis para o estudo das pinturas pré-históricas, principalmente quando não se tem conhecimento sobre os grupos culturais da época estudada. Busca-se, por isso, identificar os autores dos artefatos bem como posicioná-los cronologicamente. Pessis (1992) argumenta que:

> A abordagem que considera os registros rupestres unicamente como obras artísticas de épocas pré-históricas não é de grande utilidade para a pesquisa arqueológica porque ela é o reflexo da mentalidade de uma época marcada pelo etnocentrismo, responsável por inúmeras distorções, no início do estudo destes registros.

Os vestígios da cultura material de épocas pré-históricas não refletem a totalidade da vida social na pré-história. Eles são escassos e se encontram onde as condições de conservação foram favoráveis. Trabalha-se, por isso, com vestígios que são uma mínima parte do que se conservou. São elementos vestigiais conservados pelo acaso e não a expressão da vontade de permanência, como é o caso dos monumentos fúnebres, a exemplo das pirâmides, e dos memoriais construídos para conservar imagens. Apresentam-se como unidades de informação reduzida, em espaços onde se encontram referências de relevo, também vestigiais, que permitem posicioná-los no tempo.

O caráter vestigial dos dados limita as possibilidades de generalização confiável, tanto quanto as referências etnográficas restringem a confiabilidade das proposições a respeito de grupos históricos porque refletem a visão subjetiva dos autores. Apesar de estarem submetidas à influência ideológica dos observadores, as formas e a distribuição espacial dos artefatos contêm atributos factuais de identidade. Neles, identificam-se gestos e comportamentos padronizados do processo de produção, assim como se pode reconhecer, no padrão da escrita, a identidade do pesquisador.

Identidade é o arquétipo a partir do qual os indivíduos e os grupos sociais constroem a ideia de quem são e estabelecem o padrão de relação com outros membros da própria espécie e com o ambiente, para garantir a sobrevivência e sucesso reprodutivo. Muitas espécies animais possuem atributos físicos que lhes bastam para a sobrevivência. Outras, entre as quais os humanos, por serem despossuídas de aptidões físicas vantajosas em relação às outras espécies e aos fenômenos ambientais, precisam desenvolver técnicas e comportamentos padronizados para suprir suas limitações. Comportamentos padronizados caracterizam-se como rituais.

Os rituais são constituídos por conjuntos de ações regulares e repetitivas que os grupos empregam na realização de atividades técnicas, para compensar limitações físicas; nas ações do cotidiano, para equacionar problemas funcionais de rotina; ou nos cerimoniais, para preservar a memória de acontecimentos ou referências mitológicas importantes para a sobrevivência e sucesso reprodutivo. Os rituais não são ambíguos porque reproduzem movimentos corporais rigorosamente padronizados. Os genomas dos indivíduos contêm as informações de comportamentos teleonômicos que deram certo e garantiram a sobrevivência e o sucesso reprodutivo dos grupos. De acordo com Piaget (1996),

“os genomas são sistemas organizados de genes que regulam a manutenção de estruturas que dão estabilidade física e emocional aos indivíduos”. As ações dos humanos, como as de outras espécies, obedecem padrões motores aprendidos nas experiências acumuladas.

No processo de realização de artefatos, os padrões motores dos indivíduos imprimem marcas que se conservam e permitem o reconhecimento de atributos que definem a identidade do grupo. A presença recorrente de formas e de técnicas, bem como as relações constantes entre unidades de artefatos e as suas distribuições espaciais, sugerem, por isso, padrões gestuais e comportamentais dos autores com as quais estão relacionadas.

O auxílio de outras ciências, para a reconstituição da paisagem e obtenção de cronologias, concorre para a redução da ambiguidade sobre a identidade dos grupos pré-históricos. Pessis (2003) argumenta a possibilidade de reconhecimento dos atributos padronizados de identidades pré-históricas que se conservam nos artefatos, dizendo:

> Cada indivíduo de uma comunidade, para se relacionar socialmente, utiliza formas de apresentação corporal e ornamental como constantes que fazem parte de sua identidade social. Essas modalidades de se exibir utilizam posturas, gestos, sons, ornamentos, ritmos, que viabilizam a integração das pessoas em um universo fluido de comunicação. Para que exista esta comunicação, deve existir um consenso sobre que posturas, gestos e ritmos fazem parte da identidade do grupo. É uma linguagem não verbal que permite compreender-se, avaliar-se, posicionar-se no contexto e, em síntese, reconhecer-se. Esses modos de se apresentar socialmente fazem parte da cultura de cada indivíduo e são indispensáveis para que possa pertencer ao grupo. São regras do cotidiano, integradas com tanto sucesso, que são percebidas como um comportamento natural e espontâneo. A esses modelos de apresentação social agregam-se as variações individuais que não modificam o quadro geral da apresentação.

Para segregar a identidade dos grupos pré-históricos do Submédio São Francisco, busca-se, nas pinturas rupestres, o reconhecimento de padrões gráficos. A padronização das ações que se manifesta na cultura material da qual fazem parte a indústria cerâmica, os sepultamentos, a indústria lítica e as fogueiras, são preservadas também nos grafismos rupestres. Eles resultam de um conjunto de ações aprovadas pelo grupo, pois tudo o que acontece na vida cotidiana, sem a aprovação do grupo, não passa de expressões fortuitas, sem padronização (DUVIGNAUD, 1992).

Apesar de padronizadas, algumas ações modificam-se nas relações dos indivíduos com o ambiente e com outros grupos. Na região sudeste do Piauí, onde existe concentração de sítios arqueológicos com grafismos rupestres, identificaram-se mudanças temáticas e técnicas no interior do conjunto de grafismos da Tradição Nordeste, realizado por um mesmo grupo, no período de 12.000 a 6.000 anos AP. A identificação das mudanças foi possível porque, durante três décadas de pesquisa sistemática de pinturas rupestres e de escavações, desvendou-se o contexto arqueológico com referências cronológicas. Os resultados dessas pesquisas não se aplicam, porém, aos vestígios arqueológicos de regiões cujos contextos não estão suficientemente desvendados.

2 ÁREA ARQUEOLÓGICA

Por não existir contexto arqueológico desvendado para a região de Sobradinho BA, iniciou-se a pesquisa, relacionando elementos da paisagem com os vestígios da cultura material, para a obtenção de cronologias. Estabeleceu-se uma área arqueológica[3], de abrangência hipotética, em função de

[3] Segundo Martin (2003): “Área arqueológica é uma categoria de entrada para referenciar a pesquisa em relação a limites geográficos flexíveis dentro de uma unidade ecológica e que participe das mesmas características geoambientais. Assim, o estudo dentro de uma área arqueológica visa conhecer os processos de ocupação, adaptação e aproveitamento dos recursos disponíveis, por grupos (...) que habitaram a região em tempos pretéritos. Para tanto, torna-se indispensável a obtenção de cronoestratigrafias para situar as ocupações humanas no tempo e no espaço e, assim, determinar um provável enclave arqueológico que seria o termo utilizado para designar uma área com uma densidade de sítios arqueológicos com

informações de um antigo lago, referido por cronistas[4], cartógrafos[5], geomorfólogos[6] e geólogos[7].

A comprovação da existência de um lago e sua contemporaneidade com grupos pré-históricos permite a adoção do parâmetro das altitudes para situar cronologicamente os vestígios arqueológicos porque, em períodos mais antigos, grande parte da área estaria submersa, impedindo a realização de grafismos rupestres. Segundo Tricart (1974), durante o último máximo glacial, há cerca de 18.000 anos AP, a drenagem do Rio São Francisco era endorreica. A atual característica exorreica teria iniciado no fim da última glaciação, há cerca de 12.000 anos AP (BARRETO *et al*., 1999). Caracterizaram-se, assim, as feições de relevo da unidade de pesquisa como feições de cimo, de sopé e de base.

A Área Arqueológica de Sobradinho localiza-se na região Noroeste do Estado da Bahia, limítrofe entre o Médio[8] e o Submédio São Francisco[9], onde estão as dunas fósseis de origem cenozóica. Limita-se, ao norte, com a fronteira da Bahia com o Piauí; a leste com a fronteira da Bahia com Pernambuco e com o talvegue do Rio Salitre; ao sul, com a coordenada UTMN 8700 e, a oeste, com a UTMS 100. Faz parte do polígono das secas da região Nordeste, 70 km ao sul do Parque Nacional Serra da Capivara. (Fig. 1).

Dada a grande extensão da Área Arqueológica de Sobradinho, definiu-se uma unidade de pesquisa, na margem direita do Rio São Francisco, entre as coordenadas 0266 e 0308 UTML, 8932 e 8964 UTMN e altitudes de 360 a 731 metros, onde se localizam onze feições de relevo, com painéis de grafismos rupestres. (Fig. 2). A unidade de pesquisa abrange uma área de 115.200 hectares, entre a fronteira leste das dunas fósseis do Submédio São Francisco e a Barragem de Sobradinho. Postula-se que, durante o período da pré-história, tenha havido três momentos para ocupação humana dos espaços. No período mais antigo, quando o lago estivesse na cota máxima, somente os lugares altos poderiam ser ocupados. Quando, pela depleção, o lago tivesse atingido a cota mínima para que o fluxo da água excedente seguisse em direção norte, poder-se-iam ocupar áreas intermédias. Em período mais recente, quando já se desconfigurara o lago e se definira o curso atual do Rio São Francisco para a direção leste, poder-se-iam ocupar as margens próximas do seu leito atual.

Realizaram-se prospecções sistemáticas nos sedimentos da unidade de pesquisa para identificação de vestígios do hipotético lago. Apesar de algumas feições de relevo apresentarem evidências de modelação pela passagem de grandes volumes de água, sugerindo que algumas serras poderiam ter impedido, por algum tempo, o curso do Rio São Francisco para a direção leste, não foram encontradas evidências da abrangência de um lago nas feições de relevo com grafismos rupestres, inviabilizando o parâmetro das altitudes para situá-los cronologicamente.

Nas prospecções realizadas, identificou-se, à jusante de alguns boqueirões, uma camada sedimentar de matacões, blocos, seixos e grânulos arredondados sob areia fina[10], mostrando ter havido um clima regional úmido, sucedido por outro mais árido. Sob influência de clima úmido, os riachos tinham competência para transportar sedimentos de grande granulometria. A grande quantidade de matacões, blocos, seixos e grânulos angulosos do depósito de Tálus que recobrem as baixas vertentes e se acumulam no fundo dos boqueirões e das grotas, corrobora a redução do volume de água dos riachos, quando se instalaram as condições climáticas atuais.

---

uma gama de pesquisas realizadas e conhecimentos adquiridos suficientes para situá-los cronológica e culturalmente (categoria de saída)".

[4] Lopes de Velasco et al. (Séculos XVI e XVII), *apud* Moura (2002).

[5] Diogo Homem et al . (Séculos XVI e XVII), *apud* Cortezão e Mota (1960).

[6] Tricart (1974) e Costa (1984), apud Barreto et al . (1999); Mabesoone (1994).

[7] Pereira e Brás (1996).

[8] Área do Vale do Rio São Francisco entre as cidades de Pirapora - MG e Remanso - BA.

[9] Área do Vale do Rio São Francisco entre as cidades de Remanso e Paulo Afonso - BA.

[10] Escala granulométrica de Wentworth.

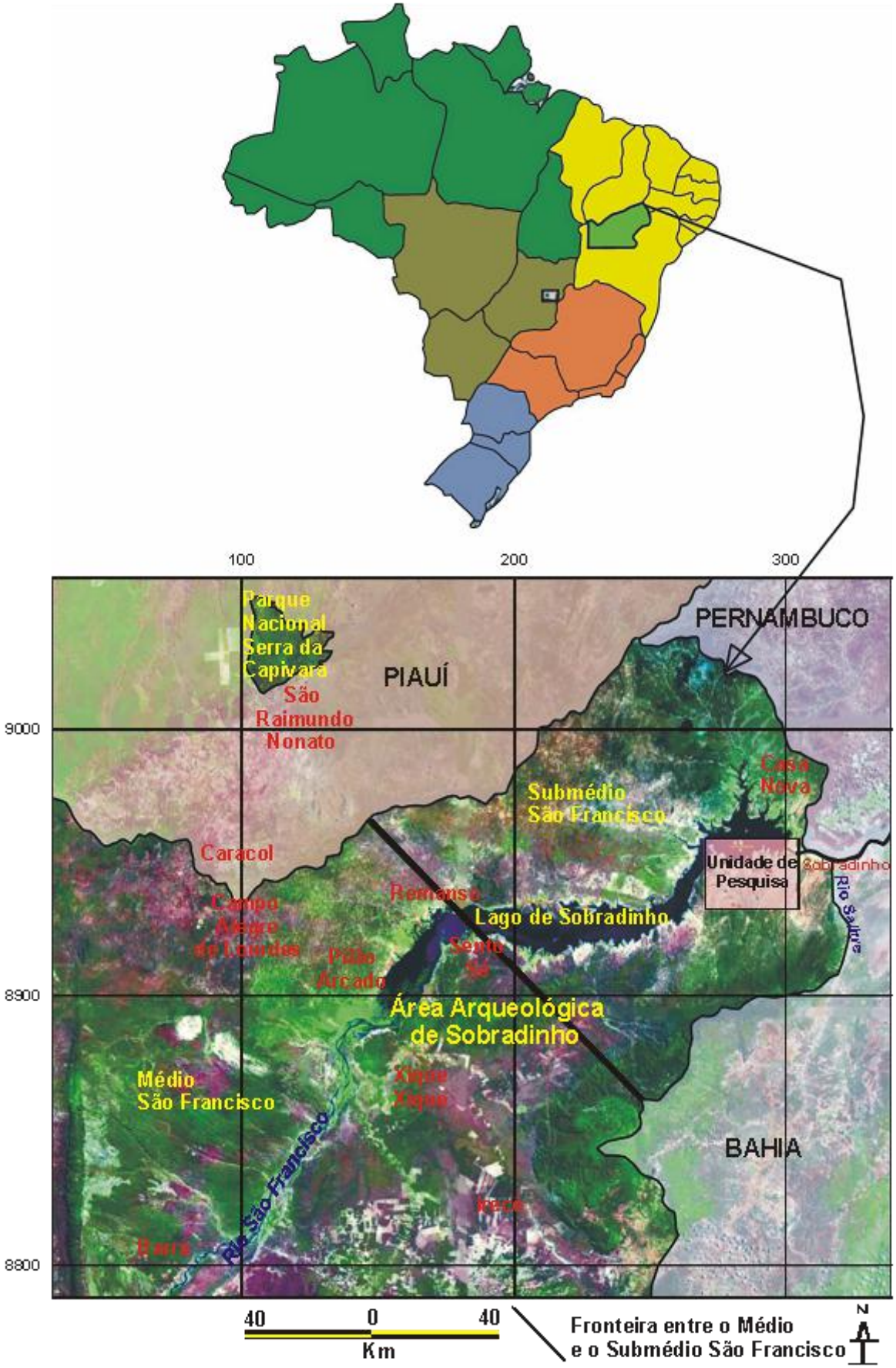
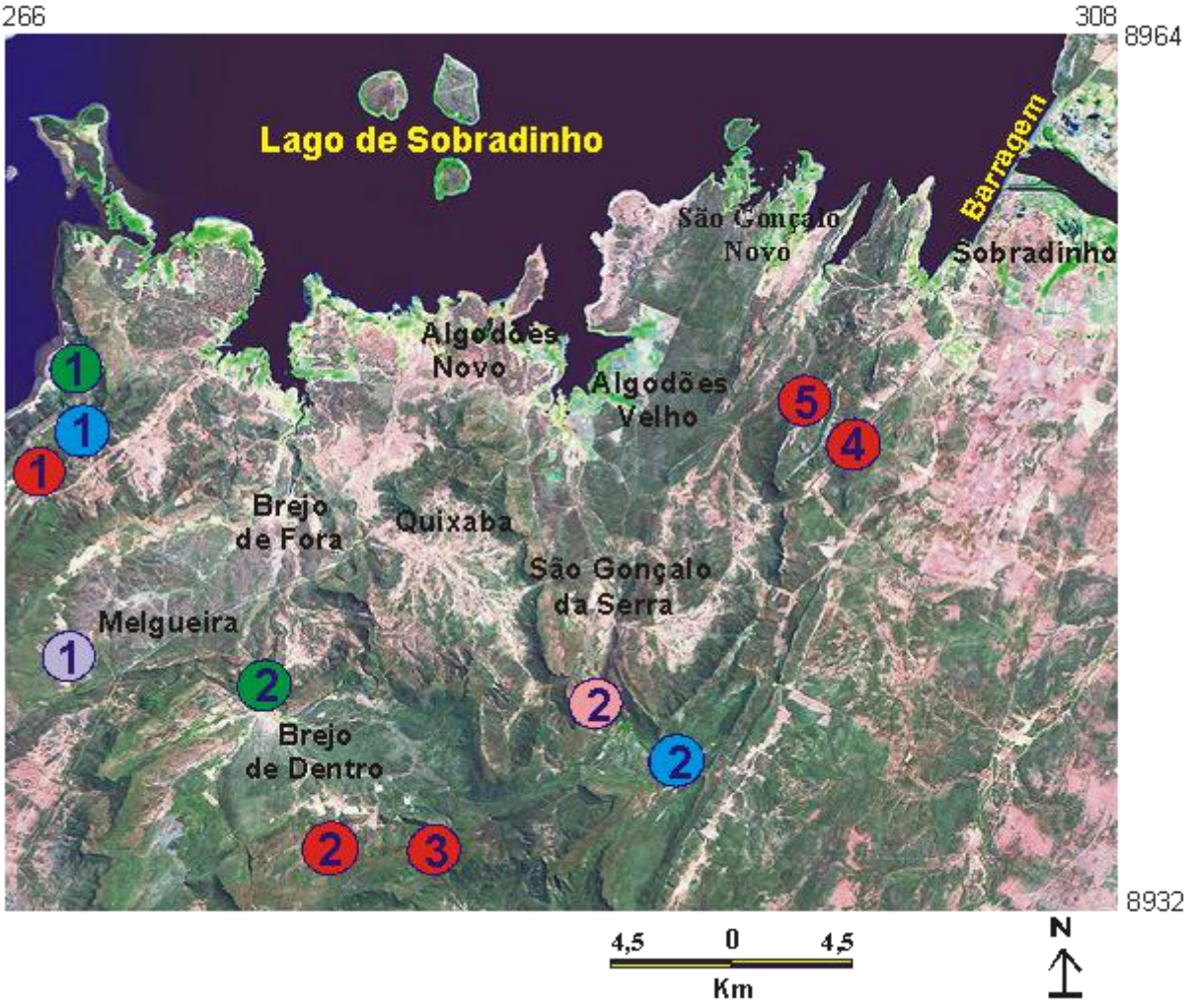


Figura 1 – Localização da Área Arqueológica de Sobradinho
Fonte: EMBRAPA, LANDSAT; O Brasil Visto do Espaço, 2002



Feições de Cimo
1 Boqueirão do Saco de Arara
2 Grota da Velha Maria
3 Boqueirão da Gameleira
4 Grota do Tatauí
5 Grota do Olho D'água

Feições de Sopé
1 Boqueirão dos Caldeirões
2 Boqueirão da Lajinha

Feições de Base
1 Grota do Olho'água Vermelha
2 Boqueirão do Brejo de Dentro

Feições de Transição
1 Transição Cimo - Sopé: Boqueirão da Melgueira
2 Transição Cimo - Sopé - Base: Boqueirão do Riacho São Gonçalo

Figura 2 - Feições de relevo com grafismos rupestres
Fonte: EMBRAPA, LANDSAT; O Brasil visto do espaço, 2003

Buscaram-se, então, informações paleoclimáticas para a adoção de parâmetros cronológicos para os grafismos rupestres. Registros palinológicos da região Nordeste testemunham a ocorrência de grande umidade entre 15.500 e 9.000 anos AP, um ressecamento climático progressivo, entre 9.000 e 6.790 anos AP, e a instalação das condições climáticas atuais, a partir de 6.790 anos AP[11]. Esses dados sugerem a utilização do parâmetro da distribuição espacial dos sítios arqueológicos nas vertentes, para situar o conjunto de grafismos na dimensão temporal. Nos períodos de grande umidade, os suportes das baixas vertentes não poderiam ser utilizados para a realização de grafismos porque grandes volumes de água dos riachos tornavam-nos inacessíveis. Nas encostas podem ter sido realizados grafismos durante esse período, apesar de estarem cobertos pela vegetação. Dos 112 sítios com grafismos rupestres cadastrados, 45 (40,18%) estão nas altas, 27 (24,11%), nas médias e 40 (35,71%), nas baixas vertentes.

2 GRAFISMOS RUPESTRES

Em relação às pinturas rupestres, os atributos de identidade podem ser segregados nos padrões de reconhecimento, cenografia, temática e técnica. Segundo Pessis (1992), "a opção pela realização de grafismos com padrões de reconhecimento e de cenografia é cultural". Por fazerem parte do sistema de comunicação que se relaciona com a sobrevivência dos grupos, os padrões de reconhecimento e de cenografia são teleonômicos. Eles são transmitidos de geração em geração, durante milênios. Grandes conjuntos gráficos segregados a partir da identificação de padrões de reconhecimento e de cenografia são classificados em tradições[12].

Identificam-se padrões de reconhecimento pela identificação de grafismos reconhecidos, puros e irreconhecíveis. As unidades de grafismos reconhecidos são facilmente identificadas porque representam os componentes essenciais de reconhecimento de elementos do mundo sensível. Para a identificação de grafismos puros, que não representam realidades conhecidas, considera-se unidade gráfica um signo ou todo o conjunto de signos e espaços vazios de um painel, enquanto não são identificadas ocorrências de figuras tematicamente semelhantes em outros painéis. Eles são reconhecíveis, nas recorrências. Grafismos irreconhecíveis são aqueles que, pela distribuição informe da tinta ou pelo desgaste, não se consegue perceber os limites necessários para sua classificação. Apesar dos fatores limitantes como superposições, escamações e desgastes que dificultam a identificação dos grafismos, levantam-se quantitativos aproximados para identificação de recorrências e dominâncias.

Em 774 painéis, com um total de 2.878 unidades de pinturas analisadas, a dominância é de grafismos puros, com 87% das representações. Seguem, em quantidade, os grafismos irreconhecíveis que representam 10% e os grafismos reconhecidos, absolutamente minoritários, com 3% das representações. A dominância de grafismos puros é constatada nas altas, médias e baixas vertentes de todos os boqueirões e grotas.

Identificam-se padrões cenográficos na recorrência de composição e distribuição de grafismos dos padrões temáticos nos suportes, nas vertentes e nas feições de relevo. Na unidade de pesquisa, as pinturas rupestres reconhecidas e puras estão isoladas ou distribuídas em painéis de composição com várias unidades, em diferentes espaços e alturas dos suportes. As pinturas rupestres da unidade de pesquisa estão arranjadas de maneira semelhante às dos sítios pesquisados no planalto central do Brasil e em toda a extensão do Vale do Rio São Francisco. A semelhança do padrão cenográfico de uma extensa área ocupada por grupos pré-históricos que, provavelmente, realizaram pinturas

[11] Pessis (2003); Behling et al . (2000, 2005), Oliveira (2005); Pessenda et al . (2005), in Souza et al . (2005); Oliveira et al. (2005).

[12] Segundo Martin (1998), "tradição é a representação visual de todo um universo simbólico pré-histórico transmitido durante milênios...".

rupestres durante milênios, viabiliza a filiação hipotética do conjunto gráfico da unidade de pesquisa a uma tradição.

Pelo critério da temática, identificam-se as preferências nas formas que os autores de uma determinada sociedade utilizam para representar realidades (PESSIS, 1992). Temática é o germe a partir do qual se podem desenvolver diferentes composições para representar realidades. As realidades representadas podem pertencer ao mundo imaginário ou material (sensível). Não se pode interpretá-las, porque não se dispõe do código de interpretação dos autores, mas se pode reconhecer, nas formas, a sua ocorrência e recorrência, assim como se pode, sem conhecimento de teoria musical, identificar diferentes formas e agenciamentos das notas que definem as temáticas musicais. As temáticas dos grafismos reconhecidos caracterizam-se pela representação de expressões corporais ou atributos complementares de identidade, como ornamentação, forma e tamanho. Nos grafismos puros, caracterizam-se pela presença de elementos básicos da geometria descritiva e seu agenciamento nas unidades gráficas.

Grupos humanos fazem modificações no seu sistema de comunicação, adequando-o ao habitat. Modificam-se, assim, alguns elementos do padrão gráfico herdado. Nas pinturas rupestres, essas adequações são observadas nas mudanças temáticas representadas por grupos de origem comum, em condições ambientais diferentes. Mudanças nos elementos das temáticas representadas por grupos que ocupam, em certo tempo, um mesmo espaço geográfico, podem ocorrer, em consequência de contatos com outros grupos, ou mesmo por alterações climáticas ou geofísicas que modificam a paisagem. A identificação da temática dominante no conjunto gráfico de uma tradição permite, por isso, classificar conjuntos de grafismos em subtradições e reconhecer mudanças que ocorrem, ao longo do tempo. De acordo com Martin (1998), “para a fixação de uma subtradição precisa-se do levantamento cuidadoso de uma área com concentração de sítios e estudos de grafismos caracterizadores da mesma, além da determinação, em cada caso, dos tipos de suportes preferidos pelos autores das pinturas”.

No conjunto de pinturas reconhecidas, identificam-se 95 figuras recorrentes e quatro não recorrentes. São dominantes as figuras antropomorfas. Elas são representadas com braços erguidos, braços fletidos, braços abertos, com formas miniaturais redondas ou miniaturais de cabeça ornamentada. Seguem, em quantidade, as figuras zoomorfas. Existem representações de pássaros de asas fechadas, pássaros de asas abertas, lagartos, mamíferos e quelônios. Existem também representações recorrentes de mãos. As figuras não recorrentes representam um braço, um inseto e dois zoomorfos não identificados. No conjunto de grafismos puros, 60% das figuras possuem temáticas recorrentes, 2%, não recorrentes e 38% possuem temática não identificada.

O padrão temático dominante é constituído de figuras com traços contínuos, em diagonal ascendente e descendente (quando horizontais) ou da esquerda para a direita e vice-versa (quando verticais). Representa 11% do total de grafismos da unidade de pesquisa. Ele foi realizado em todos os boqueirões e grotas. Existem representações de grafismos da temática dominante nas altas, médias e baixas vertentes. Elas estão isoladas ou distribuídas em painéis de composição com várias unidades, em diferentes espaços e alturas dos suportes.

No corpus gráfico de uma subtradição, podem-se segregar padrões técnicos. Entende-se por técnica a maneira, o jeito ou a habilidade para realizar grafismos rupestres. Assim como as temáticas, as técnicas se modificam em contatos com outros grupos, ou por modificações na paisagem, em consequência de alterações climáticas ou geofísicas.

Particularidades que se manifestam nos planos da técnica e da apresentação gráfica, quando relacionadas com o tempo, caracterizam-se como estilos (PESSIS, 1992). Para a identificação de estilos no conjunto gráfico da Área Arqueológica de Sobradinho, utiliza-se, na dimensão temática, o parâmetro da delimitação e, na dimensão técnica, os parâmetros da cor e da largura dos traços. Situam-se a modificações nos padrões técnicos e temáticos na dimensão temporal, com base nas

informações paleoclimáticas e na distribuição espacial nas vertentes. As superposições são utilizadas para corroborar as referências cronológicas das mudanças.

Para identificação de estilos, foram analisadas 191 unidades de grafismos da temática dominante. Os grafismos analisados encontram-se em 27 sítios selecionados pelo critério da maior quantidade de grafismos. Os sítios selecionados distribuem-se nas altas, médias e baixas vertentes de grotas e boqueirões, o que permite situar, na dimensão temporal, as mudanças identificadas na temática dominante da subtradição.

Foram identificados três padrões técnico-temáticos. Um é dominante nas altas, outro nas médias e o terceiro, nas baixas vertentes. O padrão técnico-temático das altas vertentes possui maior concentração de grafismos na Grota do Olho D'água, o das médias vertentes, no Boqueirão do Riacho São Gonçalo, e o das baixas vertentes, no Boqueirão do Brejo de Dentro.

4 CONCLUSÕES

A identificação de padrões de reconhecimento e de cenografia, recorrentes nas altas, médias e baixas vertentes de todas as grotas e boqueirões da unidade de pesquisa, associada ao reconhecimento de mudanças técnicas e temáticas com referências cronológicas, no interior do conjunto de grafismos da temática dominante, permite propor que a maior parte dos grafismos da Área Arqueológica de Sobradinho foi realizada por um grupo pré-histórico de permanência constante no Submédio São Francisco, desde o final do Pleistoceno, quando o clima da região era tropical úmido, até o Holoceno Superior, quando eram vigentes as condições climáticas atuais.

A constatação da semelhança nos padrões de reconhecimento e cenografia com conjuntos de grafismos pesquisados no planalto central do Brasil e em toda a extensão do vale, bem como a identificação de cenografia emblemática, constituída de um zoomorfo estático, acompanhado de um a quatro grafismos puros, de temática variável, situados 2,5 a 8,0m acima da superfície atual dos sedimentos, em suportes de média e alta vertente (Fig. 3 e 4), semelhante à de outras regiões do Vale do São Francisco, permite classificar, em caráter hipotético, o conjunto dominante de grafismos da Área Arqueológica de Sobradinho como Tradição São Francisco.



Figura 3 – Pedra da Marimba – BOME21. Painel 01



Figura 4 – Pedra dos Macacos – BRSG09. Painel 06

A maior antiguidade das datações obtidas em vestígios arqueológicos do Estado de Goiás, do Alto e do Médio São Francisco, em relação aos vestígios datados do Submédio e Baixo São Francisco, corrobora a hipótese de que os autores dos grafismos da hipotética Tradição São Francisco são originários do Planalto Central do Brasil. Segundo Martin (1998), com base nas datações obtidas por Schmitz et al. (1994; 1996; 1997):

> As primeiras levas de paleoíndios (...) do Médio São Francisco (...) devem ter chegado ao vale desde o planalto goiano, das cabeceiras do alto São Francisco, pela ampla rede de afluentes que desembocam no grande rio nordestino no sudoeste da Bahia. As ocupações humanas muito antigas foram assinaladas nos vales dos rios Pratudão, Formoso e Correntina formadores do Corrente, afluente por sua vez do São Francisco, nos municípios de Coribe e Santa Maria da Vitória.

É provável que a dominância temática tenha ocorrido em consequência de uma prolongada relação dos autores com a paisagem local, singularizando atributos gráficos de sua identidade. A particularização dos atributos da identidade fundamenta-se também no padrão de seleção de suportes. Apesar de existirem diversos tipos de rocha na unidade de pesquisa, todas as pinturas rupestres cadastradas estão em suportes de arenito silicificado da Formação Tombador, Grupo Chapada Diamantina. A dominância de unidades gráficas de um dos padrões temáticos e sua total ocorrência em feições de relevo de uma mesma unidade geológica servem de base para classificar o conjunto de grafismos como Subtradição Sobradinho.

Por existir maior quantidade de unidades gráficas do padrão técnico-temático dominante das altas vertentes, na Grota do Olho D'água, caracteriza-se o conjunto mais antigo da Subtradição Sobradinho como Estilo Olho D'água. Estima-se que boa parte dos grafismos desse estilo tenha sido realizada há mais de 9.000 anos AP, quando as baixas vertentes estavam inacessíveis e as médias vertentes, pela presença de vegetação, apresentavam limitações para a realização de pinturas. As principais características do Estilo Olho D'água são: ausência de delimitação, variedade de cores (monocromia vermelha, amarela ou bicromia vermelho e amarelo) e traços de largura média ou largos. (Fig. 5 e 6).

Por existir maior quantidade de unidades gráficas do padrão técnico-temático dominante das médias vertentes, no Boqueirão do Riacho São Gonçalo, caracteriza-se o conjunto de transição da Subtradição Sobradinho como Estilo São Gonçalo. Estima-se que a maior parte dos grafismos desse estilo tenha sido realizada no período de 9.000 a 6.790 anos AP, quando eram acessíveis os suportes

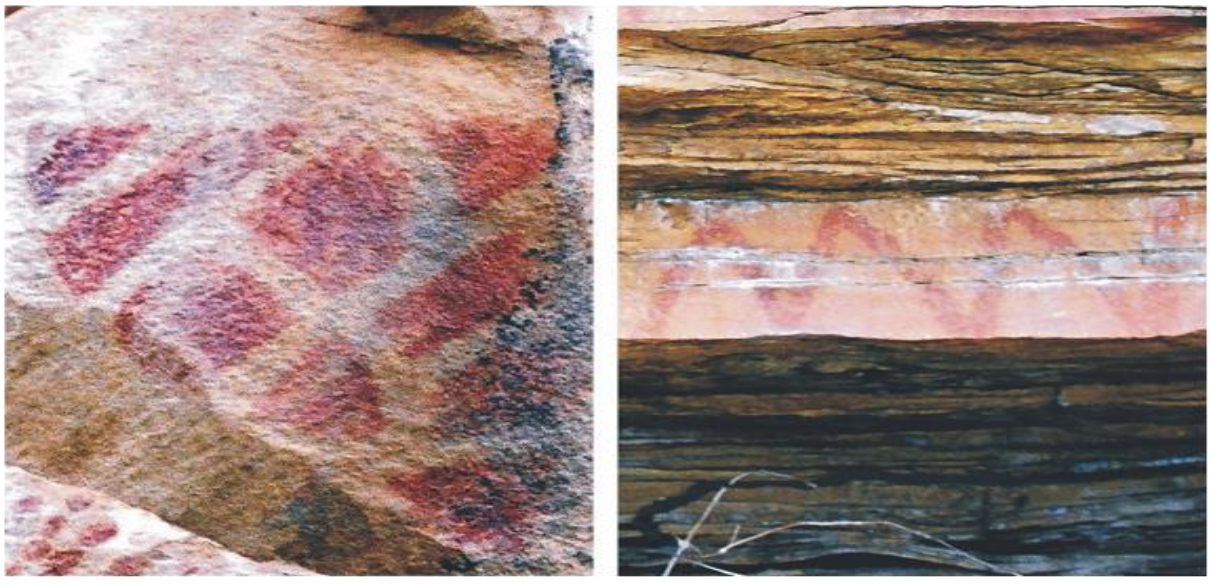
da alta e média vertente e permaneciam inacessíveis os de baixa vertente. As principais características do Estilo São Gonçalo são: delimitação total, monocromia vermelha ou bicromia (vermelho e amarelo) e concomitância de traços largos e médios. (Fig. 7 e 8).

Por existir maior quantidade de unidades gráficas do terceiro padrão técnico-temático, nas baixas vertentes do Boqueirão do Brejo de Dentro, caracteriza-se o conjunto mais recente da Subtradição Sobradinho como Estilo Brejo de Dentro. Estima-se que os grafismos desse conjunto tenham sido realizados no período de 6.790 anos AP até o Holoceno Superior, quando eram vigentes as condições climáticas atuais. Nesse período, as baixas vertentes eram acessíveis e os suportes das médias vertentes desnudos de vegetação devido à redução das chuvas. As principais características dos grafismos do Estilo Brejo de Dentro são: delimitação total ou parcial, monocromia vermelha e exclusividade de traços de largura média. (Fig. 9 e 10).

Semelhanças temáticas entre grafismos da Subtradição Sobradinho e do Estilo Serra Branca sugerem ter havido contatos com apropriação de atributos gráficos entre grupos pré-históricos do Submédio São Francisco e do Parque Nacional Serra da Capivara. No Estilo Serra Branca, algumas temáticas recorrentes da Área Arqueológica de Sobradinho são utilizadas no preenchimento de figuras. As figuras da Subtradição Sobradinho diferenciam-se, porém, do padrão de reconhecimento e cenografia do Estilo Serra Branca cujos grafismos são reconhecidos e apresentam cenografia típica da fase final da Subtradição Várzea Grande, Tradição Nordeste. Segundo Pessis (2003):

> No Estilo Serra Branca surgem soluções privilegiadas durante a evolução do contexto estilístico [da Tradição Nordeste]. Uma utiliza planos horizontais, estruturados em torno de um eixo oblíquo, que contribui para produzir uma verdadeira impressão de profundidade (...) [A] outra (...) consiste em colocar as figuras em planos superpostos, formando grupos dispostos alternadamente sobre eixos horizontais e oblíquos.

Algumas semelhanças no padrão técnico-temático indicam que o Estilo Brejo de Dentro seja contemporâneo das grandes figuras de grafismos puros geralmente isolados, do Sítio Alcobaça, em Buíque – PE, classificados preliminarmente como Tradição Agreste, Subtradição Cariris Velhos, Variedade Geométrica Elaborada, e com as figuras do Médio São Francisco. Fotos publicadas de painéis de pintura rupestre mostram, porém, que a disposição dos elementos internos de vários grafismos do Médio São Francisco difere do padrão temático dominante da Subtradição Sobradinho. A diferença na dominância temática sugere diferenças culturais entre grupos ocupantes do Médio e do Submédio São Francisco, apesar dos padrões comuns de reconhecimento e cenografia indicarem uma ancestralidade comum.



Pedra Gêmea - BRSG-11. Painel 02 Roça do Corte - BOSA-02. Painel 25

Figura 5 – Pinturas rupestres do Estilo Olho D'água

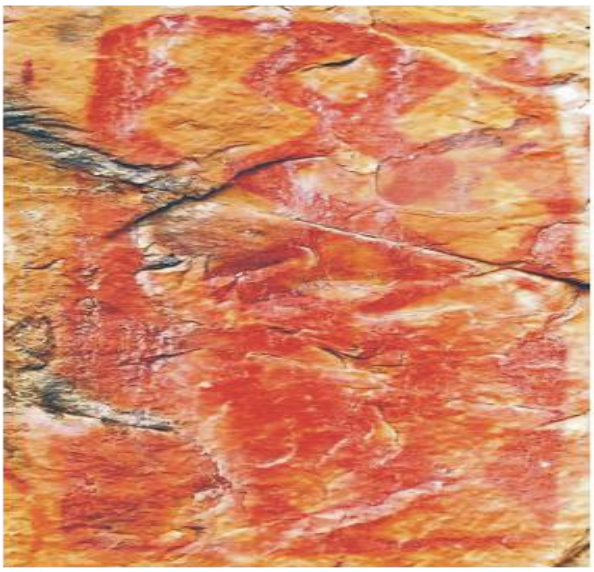


Toca do Tupiná - GODA-06. Painel 35



Loca do Morcego - BRSG-08. Painel 07

Figura 6 – Pinturas rupestres do Estilo Olho D'água



Pedra Gêmea - BRSG-11. Painel 03



Toca do Morcego - BOBD-03. Painel 03

Figura 7 – Pinturas rupestres do Estilo São Gonçalo



Mandacaru Facheiro - BOME-04. Painel 07



Pedra Gêmea - BRSG-11. Painel 05

Figura 8 – Pinturas rupestres do Estilo São Gonçalo



Lajedo do Xique-xique - BOBD-15. Painel 17



Escarpa da Mangueira - BOBD-09. Painel 03

Figura 9 – Pinturas rupestres do Estilo Brejo de Dentro



Olho D'água Vermelha - GOAV-01. Painel 01



Escarpa do Corrente - BOBD-16. Painel 24

Figura 10 – Pinturas rupestres do Estilo Brejo de Dentro

REFERÊNCIAS

BARRETO, A. M. F.; SUGUIO, K.; OLIVEIRA, P. E.; TATUMI, S. H. O Campo de Dunas Inativas do Médio São Francisco, Bahia, Brasil. In: Schoblenhaus, C.; Campos, D. A.; Queiroz, E. T.; Winge, M.; BerbertBorn, M. (Edit). **Sítios Geológicos e Paleontológicos do Brasil** – 056 . Publicado na Internet, no endereço http://www.umb.br/ig/sigep/sitio056htm. 1999.

DUVIGNAUD, J. **O artista, a arte e a identidade**. Rio de Janeiro: EBA/UFRJ. 1994.

EMBRAPA, LANDSAT. **Projeto Brasil Visto do Espaço**. 2002 e 2003.

FUNDAÇÃO CENTRO TECNOLÓGICO DE MINAS GERAIS/CETEC. **A arte rupestre no Estado de Minas Gerais**. Série Publicações Técnicas, n. 9, v, 1. Belo Horizonte. 1982.

GUIDON, N. **Tradições Rupestres da Área Arqueológica de São Raimundo Nonato, Piauí, Brasil**. CLIO Arqueológica, Recife, n. 5, p. 510, 1989.

MARTIN, G. **Pré-história do Nordeste do Brasil**. 2. ed. atual. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1998. 450 p.

_____. **O povoamento pré-histórico do Vale do São Francisco (Brasil)**. CLIO – Série Arqueológica, Recife, n. 13, p. 942, 1998.

_____. **Fronteiras estilísticas e culturais na arte rupestre da Área Arqueológica do Seridó (RN, PB)**. CLIO – Série Arqueológica, Recife, n. 16, p. 1132, 2003.

PALLESTRINI, L. **Pinturas rupestres brasileiras**. S. L.: Editora Paestum. 1969. 20 p.

PESSIS, AM. **Art rupestre préhistorique: Premiers registres de la mise en scene**. 1987. 502 f. Tese (doutorado de Estado) Université de Paris X – Nanterre. 1987.

_____. **Identidade e Classificação dos Registros Gráficos Pré-históricos do Nordeste do Brasil**. CLIO Arqueológica, Recife, n. 8, p. 3568, 1992.

_____. **Registros rupestres, perfil gráfico e grupo social**. CLIO Arqueológica, Recife, n. 9, p. 714. 1993.

_____. **Imagens da Pré-História. Parque Nacional Serra da Capivara**. FUMDHAM/PETROBRÁS; São Paulo, SP: A&A Comunicação. 2003. 304 p.

RENFREW, C. e ZUBROW, E. B. W. (Org.) **The ancient mind: elements of cognitive archaeology (new directions in archaeology)**. 1994. 190 p.